

Apresentação

Alfredo Cordiviola e Claudia de Lima Costa

Todo campo intelectual se define e se configura a partir das posições que seus participantes ocupam, ou dizem ocupar, a partir das apropriações e rupturas das diversas tradições vigentes que se produzem no seu interior e a partir das polêmicas que esses posicionamentos e essas revisões geram em um momento histórico determinado. A expansão dos estudos culturais, que se intensifica nas últimas décadas do século XX nos círculos acadêmicos ocidentais, opera como um caso exemplar para analisar as dinâmicas de antagonismos, apropriações e reformulações que, em contextos específicos e circunstâncias concretas, transformam o *modus operandi* das áreas de conhecimento. Se situarmos o foco de atenção sobre os impactos que, ao longo desse período, os estudos culturais produziram nos modos de compreensão do fenômeno literário, podemos apreciar o surgimento de toda uma série de encruzilhadas teóricas que derivavam ou se reatualizavam a partir dessa disseminação.

Essas encruzilhadas, que balizaram as investigações e as pedagogias do campo, contribuíram para promover um realinhamento das suas fronteiras e para legitimar outros objetos de estudo. Impõem, em primeiro lugar, a discussão em torno das possíveis definições da literatura e das suas funções no contexto social. Postulam outros modos de ler a literatura e outros métodos e conceitos aplicáveis. Instam a repensar as relações entre esferas locais e globais e sugerem a revisão das atribuições do cânone e dos mecanismos pelos quais ele se define e se transforma. Também colocam em questão a noção de “representação” e das vozes em jogo, bem como os sentidos atribuíveis ao “valor”. Invocam as formas de articulação de concepções, pressupostos e teorias na arena pública. Anunciam o resgate de heterogeneidades antes ignoradas ou silenciadas e a reinvenção de práticas enunciativas. Interpelam as interseções que vinculam literatura, estética e política.

Questões, procedimentos e sentidos como esses são ao mesmo tempo causa e consequência dos debates que atravessavam e atravessam esse marco de reflexão e ação que talvez ainda possamos continuar chamando de “estudos literários”. Tiveram em seu momento, como têm hoje, pelo menos duas virtudes centrais. A primeira, lembrar que a teoria, longe de ser algo que nunca foi – um espaço asséptico onde convivem

fraternalmente todas as diferenças –, deve ser vista como campo de batalha, marcado por agonismos e desacordos. A segunda, ter contribuído para multiplicar as interrogações que norteiam as práticas da crítica e da historiografia da literatura.

Essas tensões teóricas e essas interrogações prospectivas são a matéria da qual está composto o dossiê que o presente número da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* apresenta aos leitores. Em maior ou menor medida, todas elas circulam pelos textos aqui reunidos, ecoando inquietações e pontos de vista que iluminam as formas pelas quais a literatura tem sido escrita, lida e pensada nestes tempos. Composto por contribuições provenientes de várias regiões do país e do exterior, o dossiê temático propõe, como seu título indica, analisar as relações entre literatura e estudos culturais a partir de uma perspectiva atual, que dirige suas inquirições tanto ao passado, para revisar as genealogias e as evoluções dos debates acontecidos nas décadas anteriores, quanto ao presente, para registrar a vigência das ferramentas analíticas que esses debates colocaram em circulação. Esses tempos e esses exercícios teóricos se entrecruzam permanentemente nos artigos, seja para resenhar as mudanças nas políticas acadêmicas e nos arsenais teóricos no Brasil e na América Latina ou para discutir os trânsitos das ideias entre centros e periferias, seja para propor novas leituras e novas legibilidades à luz das problemáticas levantadas pelos feminismos, os estudos étnico-raciais e os enfoques da pós-colonialidade.

Os artigos aqui publicados mostram – seja a partir de discussões de cunho mais teórico, seja em leituras cuidadosas de textos específicos – que um encontro entre os estudos culturais e os estudos literários renova não apenas práticas interpretativas de textos marginalizados, mas também busca interpelar politicamente as/os leitoras/es ao salientar temas contemporâneos urgentes como subalternidade, racismo, exclusão e opressão na literatura.

Partindo de uma discussão teórica mais ampla e tendo como cenário a América Latina, Geraldo Ramos Pontes, Jefferson Agostini Mello e Alfredo Cordiviola, apresentam, respectivamente, valiosas reflexões sobre a relação entre estudos culturais e literários nos contextos da América hispânica (abordando a questão do latino-americanismo) e brasileira (a partir da problemática do comparativismo e de uma análise esmiuçada das publicações da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC). Pontes, em seu artigo, observa com otimismo que os estudos

culturais, de forma positiva, forçaram, entre outras coisas, uma necessária postura de “abertura em relação ao objeto da crítica”, enquanto Mello, debruçando-se sobre livros, revistas e anais da ABRALIC, salienta as tensões entre a literatura e os estudos culturais, expondo avanços e também retrocessos. Cordiviola conclui que os estudos culturais serviram para repensar os campos de estudo, as práticas e os saberes, bem como os modos pelos quais as ideias circulam e as políticas acadêmicas se estabelecem.

Claudia de Lima Costa, por sua vez, refaz a trajetória dos estudos culturais feministas, organizando-a em torno das dicotomias realidade/representação e texto/contexto, para defender a descolonização dos estudos culturais latino-americanos a partir das propostas cosmopolíticas de um feminismo material e descolonial. Já Adriana Lins Precioso e Iouchabel Sarratchara de Fátima Falcão recompõem o itinerário dos estudos culturais na Inglaterra e discorrem sobre sua apropriação latino-americana, representada pelas significativas contribuições de Ángel Rama.

Com a mirada voltada para exemplos específicos, um segundo bloco de artigos se debruça sobre uma rica empiria textual. Denise Carrascosa, articulando a teoria pós-colonial e a subjetivação afro-diaspórica, enfoca a bioficção em Toni Morrison, Jamaica Kincaid e Bessie Head a partir da experiência brasileira, vendo-a como uma espécie de zona de contato intersectada por processos históricos de subalternização vinculados à colonização e à escravidão

Luciano Barbosa Justino, sistematizando o conceito de multidão e de oralidade, mostra como os estudos culturais transformaram os espaços de legitimação da literatura e questionaram a suposta autonomia de seus valores estético-identitários. Já Marília Librandi-Rocha, com base na Carta Guarani Kaiowá, desafia a própria noção de literatura e suas relações com os direitos humanos no âmbito dos estudos culturais, propondo pensar sobre “uma literatura vinculada à terra e às gentes da América do Sul.”

Rex Nielson, tendo como ponto de partida dois romances sobre raça e imigração (*Native speaker*, de Chang-rae Lee, e *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho), realiza um estudo comparativo que muito bem ilustra as diferenças e especificidades das formações raciais e suas políticas no Brasil e nos Estados Unidos. Denilson Lima Santos, por sua vez, coloca em relevo o mundo afrolatino, ao examinar os textos de Abdias Nascimento (*Sortilégio II: mistério negro de Zumbi redivivo*) e de

Manuel Zapata Olivella (*Changó, el gran putas*), argumentando que há nesses autores uma escrita da ancestralidade afro que inaugura outra episteme na tradição literária latino-americana.

Larissa Paula Tirloni e Marcelo Marinho, engajando-se nos diálogos transculturais por meio da literatura comparada, refletem sobre a questão da exclusão social e da subalternidade em Octavio Paz, Carolina Maria de Jesus e Eduardo Galeano – autores que dão visibilidade às histórias silenciadas dos/as que se encontram nas margens da sociedade.

Luciana Paiva Coronel, por sua vez, estuda as representações do cotidiano da escritora Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, alegando corretamente que práticas de mediação cultural na recepção do famoso diário o configurou como apenas um documentário sobre a fome no Brasil dos anos 1950. A contrapelo dessas leituras politicamente conservadoras, a autora reivindica para Carolina o importante lugar de representação da voz subalterna na cena literária brasileira contemporânea. Seguindo pela mesma vereda, Regina Dalcastagnè une as vozes de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo para explorar “as possibilidades estéticas e políticas da autorrepresentação da experiência feminina negra nas metrópoles brasileiras”. Ambas as autoras representam, na instigante leitura de Dalcastagnè, novas formas de pensarmos as complexas intersecções entre cidade, gênero, raça e classe.

Os artigos deste dossiê evidenciam, para concluir, que os estudos literários, longe de se verem dissolvidos nos estudos culturais (como foi pressagiado por muito tempo), ganham urgência política e epistemológica no encontro dessas duas correntes.